



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA



GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS

LUZIA INGRID SILVA FURTADO

**CONTRIBUIÇÕES DA LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA:
REFLEXÕES A PARTIR DA OBRA ÚRSULA (1859)
DE MARIA FIRMINA DOS REIS (1825-1917)**

ANÍSIO DE ABREU
2024

F992c Furtado, Luzia Ingrid Silva.

Contribuições da leitura literária na escola: reflexões a partir da obra Úrsula(1859) de Maria Firmina dos Reis (1825-1917) / Luzia Ingrid Silva Furtado. - 2024.

38f.: il.

Monografia (graduação) - Universidade Aberta do Brasil - UAB, Núcleo de Educação à Distância - NEAD, da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Licenciatura em Letras Português, Anísio de Abreu, 2024.

"Orientador: Profª Me. Mariele Gabrielli".

1. Literatura na Escola. 2. Literatura Afro-Brasileira. 3. Identidade. I. Gabrielli, Mariele . II. Título.

CDD 469

LUZIA INGRID SILVA FURTADO

**CONTRIBUIÇÕES DA LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA: REFLEXÕES A
PARTIR DA OBRA ÚRSULA (1859) DE MARIA FIRMINA DOS REIS (1825-1917)**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras Português, modalidade EaD, da Universidade Estadual do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras Português.

Orientadora: Profa. Me. Mariele Gabrielli

ANÍSIO DE ABREU

2024

LUZIA INGRID SILVA FURTADO

**CONTRIBUIÇÕES DA LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA:
REFLEXÕES A PARTIR DA OBRA ÚRSULA (1859)
DE MARIA FIRMINA DOS REIS (1825-1917)**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras Português, modalidade EaD, da Universidade Estadual do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras Português.

Orientadora: Profa. Me. Mariele Gabrielli

Aprovada em: 23 / 02 / 2025.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Me. Mariele Gabrielli

Presidente

Prof. Me. Francisco Edésio Carlos Soares
Primeiro Examinador

Prof. Esp. Welson Dias de Oliveira
Segundo Examinador

RESUMO

A presente análise pretende explorar a maneira como a obra *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, dialoga com a ideia de identidade, especialmente no que diz respeito à formação da identidade afro-brasileira. Ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, são abordados aspectos que incluem o contexto histórico em que a autora estava inserida, a influência da sua própria identidade na construção da narrativa e a relevância do seu trabalho para a compreensão das dinâmicas sociais do século XIX no Brasil. Além disso, este estudo busca ressaltar a importância de Maria Firmina dos Reis no cenário literário nacional e a sua contribuição para a literatura afro-brasileira, destacando-a como uma figura de resistência e pioneirismo. Assim, este trabalho, de caráter bibliográfico, estabelece as bases para uma investigação sobre como a literatura pode servir como espelho das transformações sociais e como, através da obra de Reis, podemos compreender parte da complexa trama de identidades que compõem o tecido social brasileiro. Os resultados apontam que a leitura da obra *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, contribui para discussões potentes na escola sobre temas como gênero, identidade, raça e etnia.

Palavras-chave: Literatura na escola. Literatura afro-brasileira. Identidade. Romance. Maria Firmina dos Reis.

ABSTRACT

This analysis aims to explore the way in which the work *Úrsula*, by Maria Firmina dos Reis, dialogues with the idea of identity, especially with regard to the formation of Afro-Brazilian identity. Throughout the development of this research, aspects are addressed that include the historical context in which the author was inserted, the influence of her own identity in the construction of the narrative and the relevance of her work for understanding the social dynamics of the 19th century in Brazil. Furthermore, this study seeks to highlight the importance of Maria Firmina dos Reis in the national literary scene and her contribution to Afro-Brazilian literature, highlighting her as a figure of resistance and pioneering spirit. Thus, this work, of a bibliographic nature, establishes the basis for an investigation into how literature can serve as a mirror of social transformations and how, through Reis' work, we can understand part of the complex web of identities that make up the Brazilian social fabric. The results indicate that reading the work *Úrsula*, by Maria Firmina dos Reis, contributes to powerful discussions at school on topics such as gender, identity, race and ethnicity.

Keywords: Literature at school. Afro-Brazilian literature. Identity. Novel. Maria Firmina dos Reis.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA	9
2.1 ESCOLA E LITERATURA	11
2.2 LITERATURA E IDENTIDADE	13
2.3 A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA SALA AULA	17
3. O ROMANCE <i>ÚRSULA (1859)</i> DE MARIA FIRMINO DOS REIS	25
3.1 A AUTORA	25
3.2 A OBRA	26
3.3 AS REFLEXÕES POSSÍVEIS	28
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	35

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo, realizado através de levantamento bibliográfico, tem como objetivo estudar as contribuições da leitura literária na escola a partir da obra *Úrsula* (1859), da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis (182–917).

O romance *Úrsula*, escrito por Maria Firmina dos Reis, em 1859, cerca de 29 anos antes da abolição da escravatura no Brasil, é o primeiro romance de temática abolicionista da literatura brasileira.

A autora, Maria Firmina dos Reis nasceu em São Luís, no Maranhão, em 1825 e morreu em 1917. Maria Firmina dos Reis era mulata, bastarda e não pertencia a uma família opulenta, e foi a primeira voz feminina que registrou a temática do negro com a publicação da obra *Úrsula*, em 1859. Esta obra foi editada pela primeira vez em 1859 em São Luís do Maranhão, assinada pelo pseudônimo de “Uma Maranhense”, um recurso bastante utilizado no século XIX, principalmente entre as mulheres (Oliveira, 2007). A autora escreveu também um romance de temática indianista, *Gupeva* (1861) um livro de poesias intitulado *Cantos à beira-mar* (1871), o conto *A escrava* (1887) e outros poemas divulgados na imprensa da época, além de composições musicais.

O romance narra a história da jovem Úrsula que, aprisionada por um tio em uma fazenda falida no nordeste do Maranhão, vê-se envolvida numa tragédia familiar e amorosa: sua mãe é doente e depende dos seus cuidados e o grande amor da sua vida, Tancredo, é assassinado pelo tio que, na verdade, a ama e deseja casar-se com ela.

A obra é interessante pelas suas temáticas, dentre os quais a denúncia de injustiças praticadas numa sociedade autoritária e patriarcal vitimando as minorias mais afetadas, o negro e a mulher.

As reflexões construídas neste estudo pretendem contribuir para professores pensarem sobre a importância da Literatura na escola a partir da discussão de temas que aparecem na obra *Úrsula*, como gênero, raça, etnia, identidade e condição social.

Assim, esta pesquisa estrutura-se em quatro capítulos. Além desta *Introdução* e das *Considerações Finais* que fecham o estudo, são dois capítulos teóricos. O segundo capítulo intitula-se *Leitura literária na escola*, e busca refletir sobre as

relações entre escola e literatura, a leitura literária na construção da identidade e as contribuições da literatura afro-brasileira na sala de aula. O capítulo três, *O romance Úrsula de Maria Firmina dos Reis* discorre sobre o livro em estudo, a vida da autora e as possíveis contribuições da leitura literária na escola a partir da obra.

2. LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA

A leitura literária na educação básica desempenha um papel fundamental na formação integral dos estudantes não apenas como leitores competentes, mas como cidadãos críticos e conscientes da sua realidade social. A literatura, com seu potencial transformador, oferece aos alunos uma janela para mundos distintos, horizontes amplos de interpretação e compreensão cultural, além de contribuir para o desenvolvimento emocional e ético.

Desde as fases iniciais da educação, a inserção da leitura literária é essencial para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e afetivas. A literatura promove o aprimoramento da linguagem, expande o vocabulário e incentiva a criatividade e o pensamento analítico.

Os textos literários, repletos de simbolismos e metáforas, desafiam os alunos a interpretar e inferir significados, habilidades importantes para o entendimento de textos complexos que encontrarão ao longo de suas vidas acadêmicas e profissionais.

Além dos benefícios cognitivos, a literatura na educação básica deve ser apreciada por sua capacidade única de fomentar a empatia. Ao explorar diferentes narrativas e personagens, os alunos aprendem a se colocar no lugar do outro, respeitando e compreendendo realidades e experiências diversas das suas. Essa capacidade é vital para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária. Nesse sentido, a literatura atua como um poderoso agente de socialização, preparando os estudantes para lidar com a diversidade cultural e social.

Em um contexto educativo, a leitura literária também é uma importante ferramenta de resgate e valorização cultural. Textos de autores locais, como a obra “Úrsula” de Maria Firmina dos Reis, por exemplo, não só enriquecem o repertório cultural dos alunos como também ajudam a garantir que as histórias e experiências de vozes marginalizadas sejam reconhecidas e respeitadas. Como afirma Terra (2015), “a literatura proporciona ao aluno a oportunidade de reconectar-se com suas origens, com sua história e identidade, essencial para a formação de sujeitos mais conscientes de seu lugar no mundo”. Além disso, a introdução da literatura na escola é fundamental para incentivar o prazer pela leitura. Ao apresentar aos estudantes um amplo leque de gêneros e estilos literários, oportuniza-se que eles encontrem textos

com os quais ressoem, cultivando uma relação pessoal e significativa com a leitura. Esse contato enriquecedor é capaz de transformar a leitura de uma obrigação escolar em um hábito prazeroso, criando leitores ávidos e curiosos.

Outro ponto de grande relevância é o potencial dos textos literários para promover debates e discussões enriquecedoras em sala de aula. Através da análise de personagens e situações, professores podem motivar os alunos a refletirem sobre dilemas éticos e morais, instigando debates e trocas de ideias que desenvolvem o espírito crítico e a argumentação fundamentada. Nestes debates, a literatura se converte em um catalisador para a reflexão coletiva, essencial para a formação de sujeitos questionadores e participativos.

Neste sentido a literatura desempenha um papel crucial na promoção da autoestima e da autoimagem positiva dos alunos, especialmente daqueles pertencentes a grupos historicamente excluídos. Ao encontrarem livros que retratem suas próprias experiências e culturas, os alunos se sentem validados, e suas histórias, muitas vezes negligenciadas em outras mídias, ganham espaço e respeito. Esse reconhecimento cultural e identitário é um passo para a construção de uma educação inclusiva e diversa.

A leitura literária na educação básica não deve ser vista apenas como uma ferramenta pedagógica, mas como uma catalisadora para a transformação social. Ao capacitar os estudantes a interpretarem criticamente sua realidade e se envolverem nos debates sociais e culturais contemporâneos, a literatura se posiciona como uma arma poderosa contra a desigualdade e a exclusão.

É inegável que a leitura literária tem importância indelével na formação dos jovens alunos. Como destaca Zilberman (2003), "ao formar leitores críticos, a escola cumpre sua missão maior: a de formar seres livres". É importante que as instituições de ensino reconheçam essa importância e busquem, cada vez mais, integrar a literatura ao currículo de forma criativa, engajadora e inclusiva, fazendo da literatura não apenas um conteúdo de estudo, mas uma ponte para o conhecimento, para a cidadania e para a humanidade.

2.1 ESCOLA E LITERATURA

O ensino da literatura na educação básica é uma oportunidade para enriquecer a formação dos alunos, desenvolvendo suas capacidades críticas, criativas e interpretativas. Diante disso, há necessidade de adotar métodos de ensino que despertem o interesse dos estudantes e também aprofundem seu entendimento e apreciação das obras literárias. Para atingir esses objetivos, diversos métodos podem ser incorporados ao planejamento pedagógico, cada um com um conjunto de práticas que potencializam o ensino da literatura de maneira significativa.

Um dos métodos é o ensino baseado em projetos, que implica a criação de atividades que integrem a literatura a outras disciplinas, como história, artes e ciências. A abordagem interdisciplinar permite que os alunos compreendam melhor o contexto histórico e cultural das obras, facilitando a construção de significado e relevância pessoal. Por exemplo, ao estudar *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis, os alunos podem pesquisar o contexto histórico do século XIX no Brasil, analisando as condições sociais que influenciaram a narrativa e fomentando discussões sobre racismo e opressão, o que é particularmente abordado por Sousa (2020) em sua análise de metodologias educacionais interativas.

Outra estratégia são os círculos de leitura (Cosson, 2015), nos quais os alunos se encontram em grupos pequenos para discutir uma obra de literatura em um ambiente colaborativo. Esses encontros permitem que os alunos compartilhem suas interpretações, reflexões e dúvidas sobre o texto, promovendo um espaço de troca de ideias e o desenvolvimento de habilidades argumentativas. Os professores atuam como facilitadores, orientando os debates e incentivando os alunos a considerarem múltiplas perspectivas e a formularem suas próprias análises. Esta prática é bastante eficaz para aumentar o envolvimento dos estudantes e pode ser adaptada para incluir debates virtuais, aproveitando as tecnologias digitais modernas, como explorado por Lima (2019).

A dramatização de obras literárias é uma metodologia que também oferece resultados expressivos, especialmente em termos de estimular a imaginação e a expressão verbal. Ao encenar determinadas passagens de um livro, os alunos são desafiados a entrar nos personagens, compreendendo suas motivações, emoções e

conflictos. Esse processo aprofunda o entendimento do texto e também desenvolve habilidades de empatia e expressão oral. A literatura, portanto, ganha vida de uma forma que as abordagens tradicionais muitas vezes não conseguem alcançar, transformando a sala de aula em um espaço dinâmico e interativo.

Métodos de ensino que utilizam a tecnologia são igualmente poderosos, especialmente em um mundo cada vez mais digital. A incorporação de mídias digitais, como blogs de leitura, videoanálises e podcasts, não só atraem os nativos digitais, mas também desenvolvem habilidades essenciais no uso de ferramentas tecnológicas. Estudantes podem criar blogs que resenham livros, engajando-se em discussões online sobre suas leituras, ou mesmo produzir vídeos em que exploram e analisam temas e personagens, o que expande as formas de expressão além do escopo tradicionalmente restrito ao texto escrito (Gomes, 2018).

É importante ressaltar o papel das oficinas literárias, que oferecem oportunidades para que os alunos experimentem ser autores, seja através da escrita criativa ou da reescrita de partes das obras estudadas. Esta categoria de atividade não só melhora suas habilidades de escrita e compreensão textual, mas também os incentiva a interagir de maneira profunda com o texto, reinterpretando e reimaginando-o com base em suas próprias experiências e perspectivas.

Podemos considerar a inclusão de obras diversas, que incorporam diferentes tradições culturais e perspectivas sociais. Essa prática enriquece o repertório literário dos alunos e promove a diversidade e a inclusão, preparando-os para um mundo plural. Ao introduzir autores e personagens de diferentes origens culturais, os alunos têm a chance de se verem refletidos nas histórias que leem ou de experimentar realidades distintas das suas, ampliando sua compreensão do mundo.

A multiplicidade de métodos de ensino através da literatura sublinha a importância de uma abordagem pedagógica diversificada e adaptável, que reconheça a literatura como uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento integral dos alunos. O sucesso desses métodos, como destacado por Teixeira (2015), "demonstra a capacidade de adaptar as práticas escolares às necessidades e interesses dos alunos de hoje, garantindo que a literatura permaneça uma parte essencial e vibrante da educação básica". Ao abraçar essas metodologias, educadores podem assegurar

que a literatura continue a ocupar um lugar de destaque na formação dos futuros cidadãos.

2.2 LITERATURA E IDENTIDADE

Literatura, em sua essência, é uma forma de arte que utiliza a linguagem como veículo para a expressão e a comunicação de ideias, experiências, emoções e pensamentos. Ela é frequentemente vista como um reflexo da cultura em que se insere, assumindo o papel de preservar e transmitir o patrimônio cultural de uma sociedade. Esta forma artística transcende o mero registro de acontecimentos históricos, imergindo nos aspectos subjetivos e complexos da experiência humana. Ao se aventurar por territórios emocionais e sociais, a literatura captura as sutilezas da vida sensibilidade que outras formas de comunicação, muitas vezes, não conseguem alcançar (Candido, 2011).

A identidade, por outro lado, é um conceito plural que engloba a maneira como indivíduos e grupos se percebem e são percebidos pelos outros. Compreende muitos aspectos, incluindo identidade pessoal, social e cultural. A identidade pessoal refere-se às características exclusivas e individuais de uma pessoa, enquanto a identidade social é influenciada pelas interações e relações em grupos sociais. Já, a identidade cultural, é um produto complexo das tradições, valores e práticas que definem uma comunidade (Cosson, 2015).

A interseção entre literatura e identidade é um terreno fértil para investigação porque a literatura tem o potencial de explorar as múltiplas dimensões dessas identidades. Massaud Moisés (2006) argumenta que a literatura não apenas reflete as identidades existentes, mas, em muitos casos, participa ativamente de sua construção e transformação. Quando um autor cria personagens, contextos e narrativas, ele está frequentemente explorando temas de identidade. Isso pode ser visto em obras que abordam diretamente questões de raça, gênero, discriminação ou pertencimento, bem como naquelas que tematizam com as experiências universais de crescimento, mudança e introspecção.

Um aspecto central da relação entre literatura e identidade é a representação (Cosson, 2015). As obras literárias têm o poder de representar identidades de maneira que realça suas complexidades e contradições. Essa representação pode ser uma forma de resistência contra narrativas dominantes que desumanizam ou estigmatizam certos grupos. Por exemplo, a literatura afro-americana frequentemente oferece uma crítica à herança de racismo e segregação nos Estados Unidos, ao mesmo tempo em que celebra a resiliência e a riqueza cultural de comunidades negras (Ellison, 1952). Da mesma forma, a literatura feminina tem sido fundamental para desafiar papéis de gênero tradicionalmente limitadores, oferecendo perspectivas alternativas e mais diversas sobre a experiência feminina (Woolf, 1929).

A literatura não é apenas um repositório de histórias; é um espaço de confronto, diálogo e reconstrução de identidades. Quando lemos, somos convidados a adentrar mundos e perspectivas diferentes, o que possibilita uma compreensão mais profunda de nós mesmos e dos outros. Essa experiência pode levar à transformação pessoal ao instigar questionamentos sobre nossas próprias identidades e as identidades alheias. As narrativas literárias oferecem modelos de vida, questionam estruturas convencionais e oferecem novas formas de pensar sobre quem somos e quem podemos ser.

Além de representar identidades, a literatura também tem um papel formativo. Nossas identidades são moldadas por meio das histórias que contamos e que ouvimos. Em muitas culturas, mitos, lendas e histórias tradicionais têm sido meios fundamentais pelos quais valores, crenças e identidades são passados de geração em geração. Na era contemporânea, romances, poesias e peças continuam a desempenhar um papel similar, ajudando as pessoas a lidar com questões de identidade em um mundo em rápida transformação. Como observa Bakhtin (1981), a literatura é um "documento vivo" das práticas discursivas que promovem a autocompreensão e o desenvolvimento contínuo das identidades.

A interseção de literatura e identidade não se limita à análise textual de obras. Ela abrange a forma como essas narrativas são recebidas e interpretadas pelo leitor. Ricoeur (1992) destaca que a leitura é um ato criativo em que o leitor se engaja em um diálogo com o texto, reconstruindoativamente os significados e, por vezes, reavaliando a sua própria identidade à luz do que foi lido. A literatura não apenas

passa conhecimento sobre identidades culturais e sociais, mas também desafia o leitor a considerar sua própria posição no mundo.

Diante do exposto, fica evidente que a literatura e a identidade estão inextricavelmente interligadas, ambas influenciando e sendo influenciadas uma pela outra. A literatura não só fornece modelos sobre como identidades são construídas, mantidas e transformadas, mas também pode atuar como agente de mudança, promovendo uma compreensão mais rica e empática das inúmeras facetas da identidade humana. Ao estudar a literatura como um fenômeno cultural, literário e social, obtemos uma visão mais profunda e abrangente dos processos complexos que moldam nossas vidas e comunidades.

A literatura, frequentemente, é um meio através do qual autores exploram suas próprias identidades e as de seus personagens. Este processo de exploração pode incluir uma grande variedade de temas, desde questões profundamente pessoais até dilemas sociais relacionados à raça, gênero, classe e nacionalidade. Nesse sentido, a literatura pode ser vista como um local onde as vozes que muitas vezes são marginalizadas ou silenciadas encontram expressão e são legitimadas. Como observa Stuart Hall (1996), identidade cultural é um "ponto de encontro" entre o passado e o presente, sendo continuamente reformulada através de práticas culturais e discursivas, entre as quais a literatura desempenha um papel relevante.

Um exemplo desse fenômeno é a literatura pós-colonial, que frequentemente aborda as questões de identidade em contextos marcados pela colonização e seus legados. Autores como Chinua Achebe (1930) e Salman Rushdie (1947) revelam, em suas narrativas, as tensões que caracterizam as identidades pós-coloniais. Esta literatura busca construir novas formas de representação que incluem vozes anteriormente excluídas.

No cerne dessa produção literária, está o objetivo de reclamar a própria identidade cultural e história. A literatura torna-se, assim, um terreno de resistência cultural onde os autores desafiam e reconstruem visões de mundo, criando narrativas que refletem a diversidade de experiência e identidade. De um ponto de vista simbólico, a literatura torna-se um campo de batalha onde identidades são disputadas e onde novas formas de ser são continuamente experimentadas e definidas.

Como já referido aqui, a literatura e a identidade estão. Enquanto a literatura fornece um meio através do qual as identidades podem ser contadas, elas também influenciam e são influenciadas pelos contextos em que são produzidas e consumidas. Este ciclo contínuo promove um entendimento mais profundo e diversificado das experiências humanas. A literatura, portanto, segue sendo um recurso vital para explorar a identidade humana em suas muitas formas e expressões.

Nesse sentido, a literatura desempenha um papel crucial na formação da identidade, tanto no nível individual quanto coletivo. Ao contar histórias sobre a experiência humana, a literatura oferece aos leitores a oportunidade de explorar aspectos de sua própria identidade e de compreender melhor as identidades de outros. Através de narrativas, os indivíduos são capazes de se situar dentro de um contexto mais amplo, desenvolvendo um sentido de pertencimento e uma compreensão mais profunda sobre quem eles são e como se relacionam com o mundo.

A literatura permite aos leitores experimentar vidas e perspectivas diferentes das suas. Este processo pode ser essencial para o desenvolvimento de empatia, ao proporcionar um entendimento mais profundo das vivências de pessoas de diferentes origens e circunstâncias. A literatura, através de suas múltiplas vozes, abre um caminho para a diversidade, promovendo uma maior apreciação da complexidade e riqueza das experiências humanas. Este aspecto é essencial em romances como "A Cor Púrpura" (1982) de Alice Walker, que oferece uma visão íntima da vida das mulheres afro-americanas no sul dos Estados Unidos, promovendo uma compreensão mais profunda das questões de gênero e raça.

No nível coletivo, a literatura serve como um repositório de memória e tradição cultural, desempenhando um papel vital na formação das identidades de grupo. Ao narrar a história e as experiências de um povo, a literatura ajuda a articular uma identidade compartilhada, reunindo comunidades em torno de mitos, histórias e valores comuns. Ao fazê-lo, promove a coesão social e fortalece laços comunitários. Obras épicas, como "Os Lusíadas" (1572) de Luís de Camões, exemplificam como a literatura pode consolidar a identidade nacional, glorificando as conquistas passadas de uma nação e promovendo um sentimento de orgulho coletivo.

Também, a literatura como meio de resistência é evidente nas obras que abordam as experiências de imigração, nas quais os autores exploram as tensões da manutenção da identidade cultural face à assimilação em um novo contexto social. Através de suas obras, esses autores examinam a negociação constante entre as raízes culturais e adaptar-se a novas realidades, como demonstrado por Chimamanda Ngozi Adichie em "Americanah" (2013).

Ao facilitar o diálogo cultural e o intercâmbio de ideias, a literatura também desempenha um papel importante na construção de identidades transculturais e híbridas, que são cada vez mais comuns na era da globalização. Autores contemporâneos frequentemente abordam temas de identidade transcultural, explorando como as narrativas e experiências moldam identidades que ultrapassam fronteiras geográficas e culturais. Essa abordagem enriquece o entendimento da identidade como um conceito em evolução, moldado pelas experiências e interações globais (Cosson, 2015).

A literatura fornece uma plataforma essencial para a exploração e construção da identidade em suas muitas formas, oferecendo tanto um espelho quanto uma janela para a diversidade das experiências humanas. Ela não apenas documenta e preserva as histórias de vários grupos e indivíduos, mas também desafia e expande as noções preconcebidas de identidade, promovendo uma visão mais inclusiva e holística da condição humana. Portanto, a literatura continua sendo uma ferramenta poderosa na construção de identidades, capacitando indivíduos e comunidades a reivindicar, redefinir e celebrar suas histórias.

2.3 A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA SALA AULA

A literatura afro-brasileira tem se afirmado como um componente importante na construção e na afirmação da identidade cultural brasileira. A obra "Úrsula", de Maria Firmina dos Reis, figura como uma das pioneiras nesse campo, ao trazer para a discussão personagens negros com profundidade em um período em que as pessoas negras eram, comumente, relegadas a papéis de fundo ou estereotipados na literatura

nacional. Essa representação é potente, tanto por sua raridade à época, como por seu impacto nas gerações seguintes de escritores e leitores.

Deste modo, emerge da necessidade de expressão e reconhecimento de uma herança cultural que havia sido suprimida, especialmente durante o período escravocrata. "Úrsula", neste contexto, não apenas desafia a narrativa dominante, mas também atua como uma das primeiras tentativas de rompimento com a história oficial, propondo uma visão alternativa que destaca o protagonismo negro.

A obra trata de questões profundas de identidade e cultura, que são intrínsecas à construção da identidade afro-brasileira. Túlio e Susana, os personagens escravizados do romance, são retratados com uma dignidade que se recusa a ser apagada pela brutalidade de suas circunstâncias. Eles representam a luta incessante por reconhecimento e humanização, temas centrais na formação da identidade afro-brasileira. Sousa (2019) aponta que "ao humanizar personagens escravizados, Firmina dos Reis não apenas estabelece sua própria identidade em diálogo com suas raízes, mas também resgata a história e a cultura de milhões de indivíduos".

Maria Firmina dos Reis incorpora elementos culturais africanos em sua narrativa, uma prática que amplia o entendimento sobre a influência africana na cultura brasileira. Durante muito tempo, essa influência foi negada ou minimizada, mas a literatura afro-brasileira desempenha um papel crucial no reconhecimento e valorização dessas raízes. A representação de rituais, crenças e valores africanos, mesmo que de forma sutil, enriquece a narrativa e propõe uma revalorização das origens africanas na formação da nação brasileira. Ferreira (2020) destaca que "ao imbuir sua narrativa com elementos da cultura africana, Firmina questiona o ethos da sociedade escravocrata e revela a brutalidade das tentativas de apagar uma cultura inteira".

O impacto de *Úrsula* na identidade cultural brasileira é também evidente quando se considera a sua recepção tardia. Embora tenha sido ignorada inicialmente, o romance ganhou reconhecimento póstumo por sua inovação temática e por seu profundo compromisso com a representação realista e compassiva dos negros. Esta descoberta não só contribuiu para um resgate histórico de Firmina dos Reis como pioneira, mas também serviu como um ponto de referência para novos autores afro-brasileiros, que encontraram em seus escritos um legado de resistência e identidade

a ser continuado. Como Almeida (2018) observa, "a revalorização de 'Úrsula' não é apenas um reconhecimento do talento de sua autora, mas uma afirmação da relevância persistente das questões raciais e culturais que ela abordou".

Úrsula é um testemunho da resiliência e da criatividade de escritores que desafiaram as narrativas e estruturas opressivas, criando espaço para a expressão legítima de uma herança cultural rica e diversificada. Ela proporciona uma plataforma de reafirmação da identidade coletiva, ressaltando a contribuição vital dos afro-brasileiros para a formação do Brasil contemporâneo.

Na obra *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis utiliza uma variedade de elementos temáticos e simbólicos para tecer uma narrativa rica e envolvente, que não só entretém, mas também desafia o leitor a refletir sobre questões sociais e morais prementes. Esses elementos são o alicerce da história, possibilitando uma leitura que transcende a superfície dos eventos narrados e se aprofunda nas dinâmicas psicológicas e sociais dos personagens e do contexto em que se encontram.

Um dos principais temas em *Úrsula* é a crítica à escravidão e à desumanização dos indivíduos submetidos a esse regime opressivo. Este tema é central na narrativa e é simbolizado de várias formas ao longo do romance. As experiências de personagens escravizados, como Túlio e Susana, materializam a brutalidade da escravidão, enquanto sua resistência e dignidade servem como um poderoso símbolo de resiliência. Firmina usa a dor e a esperança desses personagens para enfatizar a necessidade de uma mudança social e para questionar a moralidade da sociedade escravocrata. Segundo Antunes (2016), "os personagens escravizados em *Úrsula* são mais que figuras de sofrimento; são o cerne moral do romance, que expõe a face cruel da escravidão brasileira".

Outra importante tensão temática é a do amor e do sacrifício, que percorre a narrativa e influencia as ações e decisões dos personagens principais. A relação amorosa entre Úrsula e Tancredo é marcada por desafios que ressaltam a opressão social e a importância do sacrifício pessoal em busca de um bem maior. Esta história de amor é perpassada por um ideal romântico, mas é também ancorada em dificuldades reais, ilustrando como o amor pode ser uma força revolucionária em um mundo repleto de injustiças. Conforme explica Ramalho (2018), "o amor em *Úrsula*

não é um escopo encapsulado, mas uma força de resistência e transformação, desafiando as convenções e estimulando o crescimento dos personagens".

Firmina utiliza simbolismos naturais para enriquecer sua narrativa. Os elementos naturais muitas vezes refletem os estados emocionais dos personagens, funcionando como metáforas para suas jornadas pessoais. A tempestade, por exemplo, simboliza o conflito interno e externo, enquanto a calmaria do rio pode representar momentos de paz e introspecção. Este uso do simbolismo natural é uma característica marcante do romantismo, oferecendo um meio de ligação entre a psicologia dos personagens e seu ambiente externo. Oliveira (2020) menciona que "Maria Firmina dos Reis utiliza a natureza como um reflexo dos sentimentos humanos, criando uma dualidade entre o mundo interno e externo que intensifica o drama do romance".

A questão da identidade também é profundamente explorada através de símbolos e temas recorrentes. Os personagens são confrontados tanto com sua identidade pessoal quanto com suas identidades impostas pela sociedade. Essas batalhas internas são simbolizadas em suas interações e nos desafios que enfrentam ao longo da história, refletindo a busca por uma identidade que seja autêntica e autodeterminada. Para Gonçalves (2019), "a busca dos personagens por identidade em '*Úrsula*' é um símbolo do esforço coletivo dos marginalizados para reivindicar sua humanidade e individualidade em face da opressão".

Além disso, o romance incita uma reflexão sobre a justiça e a moralidade. Os dilemas morais enfrentados pelos personagens funcionam como um espelho das tensões sociais da época. A discussão sobre o que é moralmente correto e justo permeia o romance, instigando o leitor a avaliar a justiça não apenas na época em que a história se passa, mas também em contextos contemporâneos.

Úrsula oferece, assim, uma rede de temas e símbolos que não só enriquecem a narrativa, mas também proporcionam um comentário social sobre a condição humana e as estruturas de poder. Firmina dos Reis demonstra talento para entrelaçar estas complexidades em uma história que é tanto um produto de seu tempo quanto uma reflexão sobre temas universais. Em suma, os elementos temáticos e simbólicos em "*Úrsula*" não somente reforçam a força narrativa, mas também destacam sua

relevância como uma crítica social e moral incisiva, cujas ressonâncias perduram ainda hoje.

Na obra *Úrsula*, a representação social e política é entrelaçada com a narrativa, refletindo e criticando a sociedade do século XIX no Brasil. Maria Firmina dos Reis utiliza sua narrativa não apenas para entreter, mas também para expor as contradições e injustiças de seu tempo, posicionando sua obra como uma poderosa crítica social.

O cenário social da sociedade brasileira na época de Firmina dos Reis era marcado pela exploração e desumanização causada pela instituição escravocrata. Esta realidade é central na narrativa, onde ela utiliza personagens e situações para ilustrar as desigualdades permanentes e os abusos perpetrados sobre os escravos. Através da história de Túlio e Susana, a autora desenha um quadro sombrio das condições dos escravizados, explorando a opressão e a resistência. Segundo Almeida (2019), "essa representação fidedigna não só documenta a crueldade da condição escravista, mas serve como uma crítica contundente às estruturas sociais que permitiam tais atrocidades".

Além da crítica à escravidão, Firmina dos Reis aborda a posição da mulher na sociedade através da personagem Úrsula, que enfrenta as limitações e expectativas impostas por um sistema patriarcal. Ao criar uma protagonista feminina que desafia as normas estabelecidas, sublinha a resistência das mulheres contra as imposições sociais e abre um espaço de diálogo sobre a independência feminina. Sua representação reflete uma tomada de consciência sobre a necessidade de libertação não só dos escravos, mas também das mulheres, em um contexto onde ambas estavam sujeitas a distintas formas de controle e subjugação. De acordo com Silva (2020), *Úrsula* torna-se um ícone de força e desafio, simbolizando a luta inerente de todas as mulheres de sua época contra as forças opressivas".

A política do período é trazida à luz através do comportamento e das ações dos personagens pertencentes à classe dominante. A figura do senhor de escravos é modelo de um sistema que Firmina dos Reis expõe como corrupto e moralmente falido. A hipocrisia e conivência desta classe para com o sistema escravista são criticadas, mostrando como muitos se beneficiam da exploração dos outros sem remorso ou reflexão ética. Rodrigues (2018) destaca que "através de sua narrativa,

Firmina expõe as engrenagens de uma sociedade onde a elite subjuga tanto os seus direitos quanto os direitos dos outros em prol de manter o status quo".

A autora, busca desmantelar a indiferença social em relação à desigualdade e à injustiça, invocando uma introspecção sobre nossa própria responsabilidade coletiva nesses sistemas. Como Fernandes (2021) afirma, "a rica tapeçaria das interações sociais em *Úrsula* fornece um microcosmo do Brasil do século XIX e atua como um émulo das relações de poder que ainda hoje têm ressonância".

A capacidade de Maria Firmina dos Reis de entrelaçar histórias pessoais com críticas sociais e políticas fez de "*Úrsula*" uma obra à frente de seu tempo. A autora estabelece um paralelo entre a narrativa ficcional e as questões prementes de seu tempo, fazendo do romance um ato de resistência e uma plataforma para discussão sobre mudanças sociais. Essa análise ressalta como a literatura pode ser utilizada como uma poderosa ferramenta na construção e desconstrução das opressivas narrativas sociais e políticas.

Em *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis apresenta uma riqueza na construção dos personagens que vai além das classificações simples de protagonistas e antagonistas. Seus personagens são complexos, com desenvolvimento psicológico bem delineado, que proporciona ao leitor uma visão íntima de suas motivações, conflitos internos e evolução ao longo da narrativa. Este tratamento detalhado dos personagens é um dos fatores que eleva a obra a um patamar distinto na literatura brasileira do século XIX.

A personagem central, Úrsula, é um exemplo soberbo de um desenvolvimento psicológico profundo e humano. Desde o início, ela é apresentada como uma jovem nobre e sensível, cuja bondade e compaixão são evidentes. Ao longo do romance, Úrsula enfrenta uma série de adversidades pessoais e sociais, que a fazem amadurecer de forma significativa. Seu desenvolvimento é marcado por uma luta interna entre os sentimentos de amor e dever, ilustrando as pressões que a sociedade impõe sobre as mulheres. Segundo Costa (2018), "o amadurecimento de Úrsula é uma representação da resistência feminina, que cresce e se fortalece sob pressão, ganhando autonomia e voz própria".

Tancredo, o protagonista masculino, também é desenhado com uma complexidade psicológica. Ele encarna o enigma do herói romântico, lutando entre o dever social e os anseios pessoais. Tancredo é nobre, mas carregado de dilemas

internos que o aproximam do leitor, humanizando-o. Seus conflitos psicológicos são centrais para a narrativa, pois refletem a tensão entre a paixão idealizada e a realidade das expectativas sociais.

A complexidade dos personagens não se limita aos protagonistas. Firmina dos Reis também dedica atenção ao desenvolvimento dos personagens secundários, como o cruel Sr. Penha e a figura da mãe de Úrsula, que, em suas aparições, representa diferentes aspectos das normas sociais e expectativas de seu tempo. Essas figuras secundárias oferecem perspectivas adicionais sobre a sociedade, complementando a percepção do leitor sobre o contexto em que a história se desenrola.

Assim, fica evidente que Maria Firmina dos Reis foi hábil em criar uma narrativa onde a complexidade emocional e os dilemas pessoais dos personagens são a engrenagem central que impulsiona a trama, fazendo de "Úrsula" uma leitura que continua a ressoar em discussões sobre identidade, igualdade e justiça.

A obra Úrsula de Maria Firmina dos Reis ocupa um lugar importante na literatura brasileira do século XIX, destacando-se quando comparada a outras obras contemporâneas. Publicado em 1859, o romance não só se distingue por sua narrativa pioneira sobre a escravidão e a condição feminina, mas também pela forma como contrasta com outras produções literárias da época. Para melhor entender o impacto e a singularidade de "Úrsula", é relevante compará-la com algumas obras de escritores coetâneos que exploravam temas semelhantes dentro e fora do Brasil.

No cenário brasileiro, José de Alencar se destaca durante o mesmo período. Alencar, em obras como "O Guarani" e "Iracema", explora a identidade nacional através do indianismo. Embora suas obras sejam centrais para o romantismo no Brasil, elas abordam de forma abstrata a questão racial e, em muitos casos, romantizam o indígena de uma forma que reforça o exotismo. Maria Firmina dos Reis, por outro lado, opta por um realismo em sua representação das relações raciais, mostrando a brutalidade da experiência escravocrata sem recorrer a idealizações (Nascimento, 2019). "Úrsula" destaca-se por dar voz aos afrodescendentes, apresentando-os como personagens tridimensionais, o que contrasta com a ausência ou minimização da complexidade do negro em muitas obras românticas da época.

Outra comparação pertinente é com "Esaú e Jacó" (1904) de Machado de Assis, embora este seja publicado posteriormente e diga respeito a contextos diferentes. Machado de Assis explora as complexidades sociais e as relações raciais na sociedade brasileira através de uma ironia sutil e uma análise psicológica refinada, que se desenvolve após o tempo de Firmina dos Reis. Enquanto "Úrsula" é substancialmente mais direta em suas críticas sociais e pretende instigar uma resposta moral imediata do leitor, Machado oferece um mundo de nuances e ambiguidades. Firmina, através de sua clareza direta, traz uma urgência às questões raciais que Machado aborda de maneira mais introspectiva e racional (Oliveira, 2018).

No que diz respeito à narração feminina, Firmina dos Reis também contrasta radicalmente com suas contemporâneas. Enquanto muitas escritoras da época, tanto no Brasil quanto no exterior, estavam limitadas pelas convenções literárias que restringiam a discussão de temas como a escravidão e a opressão de gênero, Firmina desafia essas normas, ao dedicar páginas para discutir o papel da mulher numa sociedade dominada por homens e fixada em uma estrutura social rígida. Ela usa sua protagonista para examinar a posição da mulher, algo que seria mais frequentemente abordado na literatura global nas décadas subsequentes, especialmente durante o movimento modernista.

É uma obra transgressora que possibilitou novos discursos e abriu caminhos para discussões que não eram apenas literárias, mas profundamente sociais e políticas. Benchimol (2019) observa que "em sua comparação com outras obras contemporâneas, *Úrsula* não só resiste ao tempo pela peculiaridade de sua voz, mas continua a desafiar nossos entendimentos sobre a narrativa e o poder da literatura em provocar mudança social". A comparação com suas contemporâneas realça não apenas o caráter pioneiro de "Úrsula" dentro das letras brasileiras, mas também sua importância contínua como um texto que estimula reavaliações sobre nosso passado e identidade cultural.

3. O ROMANCE *ÚRSULA* (1859) DE MARIA FIRMINO DOS REIS

3.1 A AUTORA

Maria Firmina dos Reis (1822–1917), nascida em São Luís, Maranhão, foi uma das primeiras escritoras negras do Brasil e a autora do romance *Úrsula* (1859), considerado o primeiro romance abolicionista brasileiro. Sua trajetória é marcada por desafios sociais e literários, pois, além de ser mulher em uma sociedade patriarcal, ela enfrentou a invisibilização racial e de classe. Firmina teve uma vida dedicada à educação, à literatura e à luta por uma sociedade mais justa, e sua obra é um reflexo do seu engajamento contra a escravidão.

Filha ilegítima de mãe branca e negra alforriada, Firmina teve a oportunidade de estudar em uma época em que a educação formal era restrita a poucas mulheres, especialmente negras. Ela atuou como professora, sendo uma das primeiras mulheres a ocupar cargos na educação pública do Maranhão, onde fundou uma escola gratuita para meninas. Sua atuação como educadora demonstra seu compromisso com a formação crítica e emancipatória, um reflexo dos ideais de igualdade que permeiam sua literatura.

Publicada em 1859, *Úrsula* é uma obra fundamental para compreender o pensamento abolicionista nascente. Diferente de outros autores do período, que romantizavam a escravidão ou a tratavam de forma marginal, Firmina deu centralidade às personagens negras escravizadas e humanizou sua dor e resistência. Personagens como Túlio e Suzana são retratados como indivíduos com sentimentos, sofrimentos e uma dignidade que o sistema escravista tentava suprimir. A obra denuncia a violência física e psicológica do cativeiro, propondo um olhar empático e crítico, algo inovador para a época.

A publicação de *Úrsula* ocorreu em meio ao contexto de debates sobre a abolição, que só se consolidou décadas depois, em 1888. Mesmo sem fazer parte de movimentos políticos organizados, Maria Firmina usou a literatura como uma forma de militância, desafiando as estruturas racistas e patriarcais do Brasil oitocentista. Seu trabalho é uma voz precursora que abriu espaço para uma literatura de resistência e denúncia.

Apesar da importância de sua obra e de sua atuação como professora e escritora, Maria Firmina dos Reis foi invisibilizada durante muito tempo. Apenas no século XX, estudiosos começaram a redescobrir sua contribuição literária e abolicionista. Sua condição de mulher negra e nordestina contribuiu para que ela fosse excluída do cânone literário brasileiro durante boa parte da história. Hoje, no entanto, seu legado é reconhecido como um marco na literatura afro-brasileira e na luta por representatividade.

A vida e a obra de Maria Firmina dos Reis se entrelaçam com a causa abolicionista e a luta por igualdade social e racial no Brasil. Sua trajetória como educadora e autora de uma obra inovadora faz dela uma figura singular na história do século XIX. Com *Úrsula*, Firmina não apenas denunciou a escravidão, mas também abriu caminho para uma literatura crítica e engajada, colocando-se como uma voz que desafiou os limites impostos pela sociedade escravista e patriarcal de sua época.

3.2 A OBRA

O romance *Úrsula*, publicado em 1859 pela escritora Maria Firmina dos Reis, é uma obra considerada o primeiro romance abolicionista brasileiro. A narrativa se passa no Maranhão e apresenta uma trama romântica e social, que combina o amor trágico entre os protagonistas com uma forte crítica ao sistema escravista. Com uma escrita sensível e empática, Firmina oferece um olhar inovador para a literatura da época, humanizando os personagens negros e denunciando as violências do cativeiro.

A história é centrada na jovem Úrsula, uma moça órfã que vive em uma fazenda isolada, e no jovem Tancredo, um homem de origem nobre, mas arruinado financeiramente e emocionalmente após a morte de sua mãe. Os dois se conhecem e se apaixonam, mas seu amor é marcado por tragédias e obstáculos. Tancredo adoece e, enquanto se recupera na casa de Úrsula, o romance entre eles se fortalece.

No entanto, D. Susana, tia de Úrsula, deseja forçar a jovem a se casar com um homem cruel e ganancioso, o coronel Alves, responsável por atos de violência. Alves, ao descobrir o amor entre Úrsula e Tancredo, desencadeia uma série de ações

trágicas que culminam na separação dos amantes e na morte precoce de ambos, numa narrativa típica do Romantismo, marcada pelo tom melancólico e trágico.

Paralelamente ao enredo principal, Firmina insere na narrativa personagens negros como Túlio e Suzana, que são escravizados e desempenham um papel essencial na crítica à escravidão. Túlio é retratado como um homem íntegro e corajoso, que, mesmo vivendo como escravizado, mantém sua dignidade e sabedoria. Suzana, por sua vez, é uma figura maternal e sofredora, que revela as violências e humilhações diárias sofridas pelos escravizados.

Esses personagens não são retratados como figuras submissas e passivas, mas sim como indivíduos conscientes e dotados de sentimentos profundos. Com isso, Firmina rompe com a visão estereotipada e romantizada dos escravizados, comum na literatura da época, e oferece um olhar crítico sobre a desumanização promovida pela escravidão. Através de Túlio e Suzana, a autora denuncia a brutalidade do sistema escravista e dá voz à resistência dos negros, um aspecto inovador na literatura oitocentista.

Úrsula é um romance que vai além da história de amor entre os protagonistas; ele questiona o poder opressivo da sociedade patriarcal e escravista e destaca as desigualdades sociais e raciais da época. A obra de Maria Firmina dos Reis não apenas denuncia a violência do cativeiro, mas também humaniza os personagens marginalizados, oferecendo-lhes voz e protagonismo. Por isso, o romance é considerado um marco da literatura afro-brasileira e abolicionista, apesar de ter sido inicialmente ignorado por décadas após sua publicação. Hoje, *Úrsula* é valorizado como uma obra pioneira que abriu caminhos para um olhar mais crítico e inclusivo na literatura brasileira.

Ao descrever o processo de escravidão, da captura à descrição do trabalho escravo nas fazendas, contando com três personagens escravizadas em suas particularidades, Maria Firmina dos Reis sensibilizou o público leitor para a extinção do cativeiro.

Ao examinarmos o discurso antirracista em Maria Firmina e no seu texto, procuramos romper com a ideia de excepcionalidade que permeia a obra, o que acaba por corroborar com os mecanismos de exclusão presentes no cânone. Pessoas negras e mulheres, dentro de sua realidade social e econômica existiram como

históricos e se manifestaram enquanto sujeitos inseridos nos tempos, sendo a escrita literária uma dessas possibilidades. Todavia, foram excluídas ou silenciadas pelo cânone literário e pela narrativa historiográfica, de modo a impedir que o público leitor e pesquisador tivessem acesso às suas visões de mundo.

3.3 AS REFLEXÕES POSSÍVEIS

Como já mencionado, o romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, publicado em 1859, apresenta uma imagem dos negros diferente de outras obras literárias do século XIX. Firmina traz à tona a opressão das mulheres negras e brancas e, sobretudo, a desigualdade enfrentada pelos africanos, para explicar a estrutura familiar rural da época. Como mostra o foco de no personagem Túlio, esses personagens entram no romance de forma sentimental, dentro de uma nova forma narrativa construída através da visibilidade que dá à figura masculina negra no papel permaneceu por muito tempo calado no cânone literário.

Quando a autora insere em sua narrativa os personagens excluídos, dá voz a esses indivíduos, valorizando o negro como um ser que constrói sua história. Dessa forma, deixa que os subalternizados assumam o papel de personagens relevantes na história, mostrando sua individualidade e experiência. Isso é possível perceber pelo jovem Túlio, um personagem caracterizado pela história como um escravizado "fiel" ao seu amigo escravista, Tancredo, uma pessoa que pertencia à classe social dominante, pelo fato de ser branco e a família ter boas condições financeiras.

O romance *Úrsula* transcende a criação literária, oferecendo ricas possibilidades para reflexões sociais e culturais, especialmente em um contexto educativo. Em meio à narrativa da primeira romancista afro-brasileira, desdobra-se um cenário que proporciona aos educadores e alunos um olhar apurado sobre o passado escravocrata do Brasil, o papel das mulheres, e a resistência cultural e racial que remonta ao século XIX.

Em primeiro lugar, *Úrsula* traz à cena o impacto da escravidão na vida emocional e social dos indivíduos, iluminando a brutalidade do sistema e os complexos aspectos de domínio e resistência dentro de sua estrutura. A narrativa não

poupa o leitor de vislumbres do sofrimento dos escravizados, apresentando uma realidade sombreada com nuances de desumanização e luta por liberdade. Para os estudantes contemporâneos, isso facilita um melhor entendimento das cicatrizes históricas que ainda moldam a sociedade brasileira, conscientizando-os sobre o legado da escravidão e da desigualdade racial. Em suas análises, Costa (2020) destaca a forma como "Maria Firmina dos Reis utiliza sua narrativa para revelar a operante opressão e a inabalável resistência daqueles desprovidos de voz, transformando seu romance em um espaço de memória e verdade histórica".

Deste modo, a obra promove significativas reflexões culturais ao desafiar noções estabelecidas de identidade racial e gênero no Brasil imperial. Maria Firmina dos Reis, por meio de sua narrativa, contribui para o questionamento dos papéis tradicionais das mulheres, especialmente das negras, destacando suas forças, resiliências e desafios em uma sociedade patriarcal e hierarquicamente discriminatória. Essa abordagem é de extrema relevância educacional hoje, pois incentiva as novas gerações a examinarem criticamente os padrões e estereótipos ainda presentes, fomentando um ambiente de aprendizado mais inclusivo e justo.

Além disso, Úrsula envolve uma significativa discussão sobre a mestiçagem cultural, que pode ser utilizada no ensino como uma maneira de abordar e celebrar a diversidade cultural e histórica do Brasil. Ao reconhecer a convergência de uma diversidade de culturas e etnias na formação da sociedade brasileira, a obra convida estudantes a explorar suas próprias identidades e histórias coletivas, enriquecendo a compreensão sobre o mosaico cultural que caracteriza o país. Reis (2021) enfatiza que "a obra de Maria Firmina dos Reis trabalhou a narrativa da mestiçagem como instrumento literário e histórico, mostrando a beleza e os conflitos dessa rica tapeçaria cultural".

As metáforas e descrições poéticas presentes no texto podem servir como uma ferramenta educativa poderosa para desenvolver a sensibilidade literária dos alunos. Ao mergulharem nas passagens prosaicas, eles são incentivados a explorar a linguagem e os significados além do literal, aprimorando suas habilidades de análise e interpretação.

Túlio é uma figura que exemplifica a força e a dignidade de uma pessoa que, mesmo submetida à escravidão, mantém uma profunda humanidade e uma identidade

firme. Ele é apresentado como um homem inteligente, sensível e consciente de sua condição, características que o afastam da visão desumanizante e utilitária que a sociedade escravocrata impunha aos escravizados. Túlio é retratado com qualidades que ultrapassam os papéis estereotipados que a sociedade atribui aos negros e escravizados. Ele é honesto, sensível e leal, traços que Firmina utiliza para mostrar ao leitor que as virtudes não são exclusivas de uma etnia ou de uma classe social. Sua amizade e lealdade para com Úrsula refletem uma ligação que vai além das barreiras impostas pela escravidão e que, em muitos aspectos, representa uma resistência silenciosa e cotidiana ao sistema opressor.

O personagem demonstra uma consciência da injustiça de sua situação. Em suas falas e atitudes, ele expressa uma revolta interior e uma dignidade que não é apagada pela opressão, o que o transforma numa figura de resistência. Seu conhecimento das dificuldades que enfrenta, e ainda assim a recusa em ceder completamente ao sistema, desafiam as convenções racistas de sua época e destacam um elemento de força e coragem, reforçando o papel de Túlio como símbolo de resistência cultural e humana.

“Quão infeliz sou! Oh! Se ao menos tivesse um destino! Se pudesse viver no seio da liberdade!” — Este tipo de expressão em Túlio é uma clara denúncia da escravidão e, ao mesmo tempo, um grito de resistência, algo que Firmina dos Reis emprega para dar voz aos sentimentos reprimidos dos escravizados. (Reis, 2018, p. 70).

Susana, uma personagem idosa e igualmente escravizada, personifica a sabedoria acumulada da experiência e as dores transmitidas através das gerações. Diferente de Túlio, ela representa a longa trajetória de sofrimento que marca os povos afrodescendentes, mas também carrega em si uma resiliência construída ao longo dos anos, uma capacidade de suportar e, ao mesmo tempo, de transmitir conhecimentos que mantêm vivas as tradições e a dignidade afro-brasileira. Representa a figura materna que guarda e preserva o conhecimento cultural e a memória da identidade negra. Com seu jeito protetor e sua capacidade de aconselhar, ela se torna um símbolo de ancestralidade e continuidade, mostrando que a cultura africana permanece viva e resistente, apesar das condições desumanas da escravidão. Sua presença na história destaca a importância da oralidade e da tradição

como formas de manter vivas as identidades e valores que a escravidão tentava apagar.

Ao contrário de Túlio, que expressa uma revolta mais explícita, Susana representa o sofrimento silencioso e resignado. No entanto, essa resignação não é sinônimo de submissão, mas sim uma forma de resistência à brutalidade da escravidão. A forma como Firmina dos Reis descreve Susana, com uma profundidade emocional que humaniza suas dores e esperanças, desafia a sociedade da época e apresenta ao leitor uma imagem complexa e digna da mulher negra escravizada.

"A minha liberdade me foi tirada; o meu sangue escravizado corre em minhas veias, mas a minha alma nunca foi domada." — Esta fala poderia sintetizar a força de Susana, revelando a capacidade de resistência interior que se recusa a ser subjugada completamente, mesmo diante da violência e da opressão. (Reis, 2018, p. 74).

Ambos personagens, Túlio e Susana, são construídos por Firmina dos Reis para oferecer ao leitor uma visão humanizada e respeitosa das pessoas escravizadas, algo raro na literatura do século XIX. Eles não são apenas vítimas passivas; cada um, à sua maneira, mantém uma resistência interna e expressa uma dignidade que desafia a opressão.

Firmina utiliza Túlio e Susana para questionar o sistema escravocrata, oferecendo uma visão empática e crítica da experiência afrodescendente no Brasil. Ao humanizar essas personagens, ela oferece uma crítica ao sistema que desumanizava os negros, enfatizando que eles possuem sentimentos, sonhos e esperanças que são constantemente negados por uma sociedade racista.

Túlio e Susana, com suas experiências, representam a memória coletiva e as cicatrizes do povo afro-brasileiro. Ambos são símbolos da resistência cultural afrodescendente no Brasil, e suas histórias são representações de uma luta maior pela preservação da identidade e da dignidade. Eles mostram que, apesar das tentativas de apagar essa identidade, a cultura, a história e a humanidade do povo negro resistem.

Os personagens Túlio e Susana, ao lado da protagonista Úrsula, são elementos essenciais para o impacto de Úrsula como um romance que ultrapassa as convenções românticas e denuncia a opressão racial e social. Firmina dos Reis destaca, com esses personagens, que a luta por dignidade e humanidade era e continua a ser uma

resistência contra as estruturas de poder. Túlio e Susana representam, assim, a resiliência e a profundidade da identidade afrodescendente, mostrando que a resistência cultural e a dignidade humana são armas poderosas contra a opressão e a desumanização.

Esses elementos tornam *Úrsula* uma obra precursora fundamental para a literatura afro-brasileira, com um impacto que perdura até hoje. É através desses personagens que Maria Firmina dos Reis cria uma narrativa não só literária, mas também política e identitária, dando voz e visibilidade a histórias e experiências marginalizadas pela história oficial e pela literatura dominante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, através da análise da obra *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, foi possível destacar a importância desta obra para o ambiente escolar como um instrumento fundamental para a reflexão sobre temas essenciais à formação crítica dos estudantes, tais como identidade, gênero, raça e etnia. Ao inserir a primeira narrativa afro-brasileira no contexto escolar, reconhece-se não apenas o valor literário da obra, mas também seu papel como ponto de partida para discussões sobre a marginalização de grupos sociais historicamente oprimidos. Dessa forma, a leitura de *Úrsula* proporciona uma abordagem sensível e necessária sobre as desigualdades que marcam a formação do Brasil como nação.

A pesquisa bibliográfica mostrou que, ao tratar das questões de gênero, a obra revela as limitações impostas às mulheres no século XIX, uma realidade que, em certa medida, ainda ecoa na sociedade contemporânea. A resistência de Maria Firmina dos Reis, como autora mulher e negra, quebra paradigmas ao ocupar um espaço predominantemente masculino na literatura brasileira. Na narrativa, a voz das personagens femininas ressoa em meio às opressões impostas pelo patriarcado, oferecendo aos leitores uma oportunidade de refletir sobre as lutas femininas por autonomia e reconhecimento. Assim, a leitura de *Úrsula* torna-se um ato de empoderamento, especialmente para jovens estudantes.

Além disso, a obra assume um papel central ao abordar a questão racial, denunciando as brutalidades do regime escravista e trazendo à tona as vozes silenciadas de homens e mulheres negras. Por meio de uma narrativa sensível e humanizada, Maria Firmina dos Reis desafia o discurso dominante de sua época, evidenciando a resistência e a dignidade das personagens negras. Essa perspectiva possibilita um debate valioso sobre o racismo estrutural no Brasil e a urgência de valorizarmos a cultura afro-brasileira como parte integrante de nossa identidade nacional.

Por fim, a leitura de *Úrsula* no contexto escolar promove não apenas o desenvolvimento do letramento literário (Cosson, 2006), mas também a formação de cidadãos mais conscientes e críticos. A discussão dos temas de identidade, gênero, raça e etnia abre caminhos para que os estudantes compreendam a diversidade

cultural e histórica do Brasil, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Dessa maneira, Maria Firmina dos Reis e sua obra reafirmam a literatura como direito fundamental e como ferramenta transformadora no processo de formação humana, tal como defendido por Antonio Cândido (2011).

Destaco ao final meu compromisso pessoal e acadêmico de seguir pesquisando a temática das vozes negras femininas na literatura, ampliando este estudo ao longo de minha formação e minha atuação como futura professora de Português.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*. Rio de Janeiro: Leuzinger, 1893.

ALMEIDA, Júlia. *A voz de Firmina: pioneirismo e resistência na literatura afro-brasileira*. São Paulo: Editora Vozes, 2018.

ALMEIDA, Maria Isabel. *Aspectos sociais em Maria Firmina dos Reis*. Rio de Janeiro: Pallas, 2020.

ARAÚJO, Adriana de Fátima Barbosa. Úrsula, de Maria Firmina dos Reis e o projeto de nação antirracista. *Escritas da resistência: intersecções feministas da literatura*. Orgs: CARDOSO, Ana Maria Leal; GOMES, Carlos Magno; RAMALHO, Christina Bielinski. Aracaju: Criação Editora, 2019.

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981. 239 p.

BENCHIMOL, Mariana. *Navegando pela Literatura Brasileira do Século XIX: Mulheres e Representação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

CANDIDO, Antonio. *O Romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, 2004.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In.: CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: Literatura e senso comum*. Belo Horizonte:Editora UFMG, 2010.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

COSTA, Adriana. *Desafios da literatura afro-brasileira: Ecos e Relevância*. Salvador: EDUFBA, 2019.

COSTA, Pedro. A narrativa emancipatória de Maria Firmina dos Reis. *Revista de Estudos Literários*, v. 27, p. 53-69, 2018.

FERNANDES, Ricardo. Relações de poder e resistência em Úrsula. *Cadernos de Literatura e História*, n. 13, p. 145-159, 2021.

FERREIRA, Luciana. *Raízes africanas: a presença africana na literatura brasileira*. Salvador: EDUFBA, 2020.

FURMAN, Deborah. *Abolicionismo nas Américas: Estudo Comparado*: Beecher Stowe e Firmina dos Reis. Cambridge: Harvard University Press, 2020.

GOMES, Luiz Felipe. *Ensino interdisciplinar e crítico na sala de aula*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2019.

HALL, Stuart. A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, jul./dez. 1997.

RAMALHO, Fernanda. "Amor e Sacrifício em Maria Firmina dos Reis. Revista de Estudos Românticos, n. 21, p. 88-104, 2018.

LIMA, Júlia H. *Metodologias modernas para o ensino literário*. Florianópolis: Editora UFSC, 2019.

MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. *Discurso sobre a História da Literatura do Brasil*. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. 1836. p.01.

MARTINS, Isabel. *A emoção e a razão: A psicologia dos personagens em Úrsula*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2021.

MOISÉS, MASSAUD. *A literatura portuguesa através de textos*. São Paulo: Cultrix, 2006.

NASCIMENTO, Claudia. *Índios e negros no Romantismo Brasileiro: Um Estudo Comparativo*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2019.

OLIVEIRA, Thais. *Entre a história e o mito: Reavaliando Úrsula de Firmina dos Reis*. Recife: Editora Universitária, 2020.

PEREIRA, Mateus. H. F; SANTOS, Pedro A. C. dos. Mutações do conceito moderno de história? Um estudo sobre a constituição da categoria "historiografia brasileira" a partir de quatro notas de rodapé (1878-1951). In.: SILVA, Ana Rosa Cloquet; NICOLAZZI, Fernando; PEREIRA, Mateus (Orgs.) *Contribuições à história da historiografia luso-brasileira*. São Paulo: Hucitec, p. 15-73, 2013.

RANGEL, Marcelo de Mello. *Poesia, história e economia política nos Suspiros poéticos e saudades e na revista Niterói*: Os primeiros românticos e a civilização do Império do Brasil. 316f. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2011.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Organização, atualização e notas por Luiza Lobo; Introdução de Charles Martin. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1988.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. São Luís: Governo do estado do Maranhão, 1975.

- _____ Úrsula e outras obras. Brasília: Edições Câmara, 2018.
- RODRIGUES, Paulo. *Criando um Espelho Social: Representações de Classe em Úrsula*. Diário Literário do Século XIX, v. 4, n. 2, p. 117-134, 2018.
- SILVA, Camila. *Desafiando as Normas: Escritoras e Feminismo no Brasil Colônia*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2020.
- SILVA, Rodrigo. *Literatura Afro-brasileira: Vozes que ecoam*. São Paulo: Edusp, 2019.
- SOUSA, Cláudio. *A Integração de Vozes Silenciadas em Úrsula*. Caderno de Estudos Afro-brasileiros, v. 15, p. 201-218, 2019.
- SOUSA, Carolina. *Leituras Críticas e Contextos Históricos: Uma Abordagem*. Manaus: Edua, 2020.
- ZILBERMAN, Regina. *A Literatura na escola*. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.